



Geografia, Raça e Classe: reflexões para a docência a partir das experiências do estágio supervisionado

Brenda Ramos¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF

Resumo

A educação brasileira é um desafio diário. As escolas públicas no Brasil enfrentam de modo ainda grave tais dificuldades que vão de questões relacionadas à qualidade do ensino e respectivas estruturas. Os estudantes, assim como seus professores, resistem a sucateamentos que tornam o cotidiano escolar cada vez mais complicado. Este relato tem como horizonte a defesa da construção de uma educação pública e de qualidade para todos no Brasil e enfatiza o compromisso dos profissionais da educação para a construção de uma sociedade crítica e igualitária. Objetiva, fundamentalmente, em contribuir para a discussão espacial do racismo nas escolas através da experiência vivida na disciplina de Estágio em Geografia e propor mudanças radicais através de projetos, oficinas e seminários. Esta narrativa dialoga com as ideias defendidas por diferentes autores brasileiros de diferentes campos de atuação que ajudaram a construir uma noção de justiça social dentro e fora das escolas para todos.

Palavras-chave: educação; geografia; escola pública; racismo recreativo; estágio supervisionado.

Abstract

The educational challenges faced by Brazilian professional are many. Public schools in Brazil face twice as many difficulties, ranging from issues related to the quality of teaching and the quality of their structures. Students, as well as their teachers, resist scrapping that makes everyday school life more and more complicated. This report defends the construction of a public and quality education for all in Brazil and emphasizes the commitment of teachers to the construction of a critical and an egalitarian society. It aims to contribute to the spatial discussion of racism in schools through the experience lived in the Geography Internship discipline and to propose radical changes through projects, workshops and

¹ Licencianda em Geografia, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF/UERJ.
E-mail: briendannncarol@gmail.com

seminars. This narrative dialogues with the ideas defended by different Brazilian authors from different fields of activity that helped to build a notion of social justice inside and outside schools for all.

Keywords: education; geography; public school; recreational racism; Brazil.

Resumen

Los desafíos educativos que enfrentan los profesionales brasileños son muchos. Las escuelas públicas de Brasil enfrentan el doble de dificultades, que van desde cuestiones relacionadas con la calidad de la enseñanza y la calidad de sus estructuras. Los alumnos, al igual que sus profesores, se resisten al desguace que complica cada vez más el día a día escolar. Este informe defiende la construcción de una educación pública y de calidad para todos en Brasil y destaca el compromiso de los profesionales de la educación con la construcción de una sociedad crítica e igualitaria. Tiene como objetivo contribuir a la discusión espacial del racismo en las escuelas a través de proyectos, talleres y seminarios. Esta narrativa dialoga con las ideas defendidas por diferentes autores brasileños de diferentes campos de actividad que ayudaron a construir una noción de justicia social dentro y fuera de la escuela para todos.

Palabras clave: educación; geografía; escuela pública; racismo recreativo; Brasil.

“Um defeito de cor”²

A unidade escolar acompanhada, localizada no município de Duque de Caxias é grande, bem estruturada, organizada, arejada e extremamente limpa. As salas são dispostas umas ao lado das outras, algumas possuem janelas e outras não, todas as salas possuem ar-condicionado e não possuem rabiscos nas paredes ou nas carteiras. Esta descrição pode surpreender pessoas que nunca estiveram no espaço público escolar, mas internalizaram através de estigmas e estereótipos a má qualidade das estruturas das instituições públicas de ensino no Brasil.

É bem verdade que muitas escolas públicas enfrentam processos dolorosos de sucateamentos que interferem diretamente tanto na qualidade do ensino quanto na qualidade da estrutura escolar. Aqui referimo-nos a estereótipos e estigmas que afetam o modo de olhar para o outro e que imprime nesse características que não condizem com a realidade. Os maus atributos referidos aos estudantes públicos também informam o tratamento dispensado a eles. É comum presenciarmos motoristas que passam propositalmente direto do sinal, opõem-se a entrada do alunado nos ônibus ou ainda passageiros que demonstram com naturalidade não gostar da presença deles no transporte público.

Ao analisar criticamente essas atitudes não podemos ignorar questões referentes à classe, raça e gênero que interseccionam a formação social dos sujeitos e ditam relações hierárquicas na sociedade brasileira. São aos jovens estudantes em sua maioria negros e de baixa renda que são negadas inúmeras oportunidades capazes de modificar a realidade em que vivem. Portanto, é na escola, espaço de construção de saberes que esses jovens junto a educadores comprometidos com a sociedade, buscarão sua emancipação intelectual e sua ascensão social.

Para isso, “a voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela”. (Hooks, 2017,

² Tomamos emprestado a expressão que intitula livro da autora Ana Maria Gonçalves, referência para a discussão das questões raciais e a saga pela construção da liberdade diante do apagamento histórico da violência pelo colonialismo.

p. 22). A proposta de uma educação libertária fundamentada na valorização da presença e das particularidades individuais, no entusiasmo e no esforço coletivo, na construção da sala de aula como “comunidade de aprendizagem”³ e na crença de que cada ser é um participante ativo na construção do saber, é um desafio que exige estratégias que nos ponham em movimento pela luta da educação como prática da liberdade.

“Ensinar não é transferir conhecimento”⁴

O cotidiano escolar das turmas do oitavo e nono ano do ensino fundamental, no turno da tarde, ocorre de maneira tranquila e despreocupada. Os estudantes do oitavo ano copiam relativamente quietos os textos do quadro e para irem ao banheiro ou beber água é necessário pegar o cartão de autorização. A correção dos exercícios é feita de maneira tradicional, os estudantes vão à mesa do professor, têm os exercícios corrigidos atenciosamente e recebem o visto.

Ainda no oitavo ano cujo tempo de aula é curto, o professor apresenta superficialmente a matéria para, no dia seguinte, aplicar no quadro exercícios referentes à aula anterior. O docente utiliza o quadro como metodologia, não há recursos tecnológicos ou mapas. Há entre os estudantes e o professor um acordo sobre o uso do celular e do fone de ouvido. Isso é o que torna aparentemente possível que se explique o conteúdo e se dê vistos nos cadernos sem grandes problemas relacionados à disciplina da turma, uma vez que o bom comportamento é o que garante o uso dos celulares.

Com o decorrer das semanas, é possível perceber que não há interação alguma da turma com o conteúdo apresentado, e nenhuma correlação feita pelo professor entre a matéria dada e o cotidiano. Uma aula

³ Concepção apresentada por Bell Hooks (2017) que, desde sua perspectiva feminista e antirracista, visa garantir a educação como processo integral e colaborativo de desenvolvimento, demandando crítica, participação e diálogo com as diferenças, transgredindo o padrão silenciador e individualista da lógica dominante.

⁴ Esse subtítulo também é tomado de uma obra. Desta vez faz alusão a concepção Freireana, expressa em Pedagogia da Autonomia, na qual Bell Hooks também se inspira. A continuação do pensamento do autor, é que, não sendo transferir conhecimento, ensinar é criar as condições, as possibilidades, para a produção e construção do mesmo.

sobre aspectos físicos, econômicos, sociais e culturais das Américas não chega aos estudantes como um tópico diretamente relacionado à construção de suas identidades ou mesmo da formação socioespacial do país onde vivem. Não há indagações, curiosidades ou perguntas acerca do conteúdo apresentado. Não há estímulo do professor para que a turma interaja e isso conflui para que a sala se torne um espaço de tédio e desinteresse.

Desta forma, o bom comportamento da turma ou o silêncio feito durante as explicações não estão diretamente relacionados ao respeito com o professor ou mesmo interesse e atenção ao conteúdo, mas exatamente o contrário. Os discentes do oitavo ano, tornados receptáculos, recebem o conteúdo transferido e são cada vez mais impossibilitados de pensar criticamente o mundo onde vivem. Dada a matéria e corrigido os exercícios o que se tem a fazer é esperar, ouvindo música ou interagindo pelo celular, a hora do tempo de aula que sobra acabar.

“Ensinar exige criticidade”⁵

O nono ano é uma turma cheia. Os estudantes são quietos e aparentam ter uma relação bastante amigável com o professor e o convidam para confraternizações fora do ambiente escolar. O tempo de aula nesta turma é maior, sendo assim o professor divide os dois primeiros tempos para explicação do conteúdo e texto no quadro que resume a matéria, copiada com uma e outra reclamação e os dois últimos tempos para a resolução de exercícios. Aqui também não há recurso tecnológico ou uso de mapas, mas o docente toma uma iniciativa interessante e deixa a critério da turma decidir se preferem teste ou trabalho.

O tema da aula é industrialização e, assim como na turma anterior, não há perguntas, dúvidas ou interação alguma da classe com o conteúdo. Não há por parte do professor estímulo reflexivo ou crítico sobre o processo de industrialização e seus efeitos no desenvolvimento das sociedades e na transformação do espaço. A mesma apatia ocorre em uma aula sobre

⁵ Esse subtítulo também elege uma expressão freireana especialmente indicada em Pedagogia da Autonomia, que destaca o estímulo a criticidade como uma tarefa educativa indispensável.

revoluções industriais onde não há interações e a apresentação do conteúdo é breve e superficial. Não há menção sobre os efeitos positivos ou negativos desse processo para o desenvolvimento das sociedades.

Durante a explicação alguns estudantes conferem o celular, outros dormem ou olham para o teto. Após o intervalo todos copiam do quadro em silêncio e aguardam a atenciosa correção feita pelo professor. Em uma turma como essa, onde não há discentes extremamente agitados que atrapalham de alguma forma o andamento do aprendizado, perde-se grande oportunidade de transformar a sala em um espaço frutífero de estímulo a curiosidade crítica através de rodas de debate, seminários, oficinas e outras atividades que ajudariam a tornar o aprendizado mais dinâmico.

Na interação interpessoal, os meninos da turma são bastante simpáticos, carismáticos, divertidos e engraçados. Estão sempre de bom humor e ávidos por implicar com um e outro colega de classe. Contudo, durante essas “brincadeiras” ofensas racistas são disparadas aos estudantes negros que fazem parte do mesmo grupo de amigos. Tudo ocorre em alto e bom som, mas não parece haver por parte do professor ou de outros estudantes sinal de desconforto ou indignação.

“O lugar do olhar”⁶

“É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade”
(Pequeno Manual Antirracista – Djamila Ribeiro)

O racismo está presente em todas as esferas da sociedade brasileira, é uma ferida aberta na construção histórica do Brasil. A ideologia racista molda e informa comportamentos, tolhe oportunidades e arruína a vida da população negra. Ela está presente no ambiente de trabalho, no lar, no ambiente de lazer, na igreja, na escola, etc. Apesar de assumir diferentes características, o

⁶ Tomamos emprestada a expressão que intitula o livro do geógrafo Paulo César da Costa Gomes que nos fornece os elementos necessários para a prática de uma geografia voltada para a sensibilidade do olhar.

racismo possui sempre o mesmo objetivo, a inferiorização de pessoas negras e toda a sua produção cultural e intelectual.

Geralmente, tendemos a acreditar que o racismo se manifesta apenas através de atitudes agressivas, mas no espaço escolar ele adquire uma característica sutil, pois vem acompanhado de “brincadeiras” e piadas. Os estudantes xingam seus colegas de macacos, dizem que não é possível vê-los caso se apaguem as luzes, perguntam se um ou outro amigo negro furtou determinado material e tudo isso em tom de “brincadeira”. Esse tipo de comportamento ocorre de estudantes brancos para os estudantes negros que aparentemente não se incomodam com essa atitude e acabam reafirmando esse lugar de inferiorização quando compactuam com essas piadas.

É necessário compreender que alguns estudantes negros não relatam a situação à coordenação por medo de perder a amizade de seus colegas ou porque suas reclamações não são devidamente levadas a sério. Em alguns casos os próprios estudantes acabam sendo responsabilizados pelo racismo que sofreram. É possível compreender que alguns estudantes não possuem ainda conhecimento suficiente sobre si e sobre como este tipo de piada degrada sua auto estima dificultando a sua capacidade de lutar contra o racismo, uma vez que ser inferiorizado e maltratado sempre fez parte de seu cotidiano.

O que estamos chamando de racismo recreativo deve ser interpretado como um projeto de dominação racial que opera de acordo com premissas específicas da cultura pública brasileira. Embora ele esteja baseado na noção de inferioridade moral de minorias raciais, ele está associado a um aspecto da doutrina racial brasileira que procura mitigar a relevância dessa prática social: a ideia de cordialidade essencial do nosso povo. (Moreira), 2019, p. 95).

O professor nada comenta sobre o que escuta e assim o assunto morre. Há grande dificuldade por parte de alguns profissionais da educação para lidar com temas relacionados ao racismo. Muitas vezes os professores afirmam que em suas épocas essas atitudes eram normais, ou se tornam céticos em relação à solução dada pela coordenação escolar. Esse tipo de piada reforça estereótipos relacionados à população negra. Não cabe no espaço escolar ou em nenhum outro, este tipo de comportamento que fere a dignidade das

pessoas e acaba com suas autoestimas através de apelidos e piadas sobre seus cabelos, seus traços e a cor de sua pele.

Para a resolução de problemas como esse, é muito importante que professores, coordenadores e inspetores estejam atentos e dispostos a mudar essa realidade. Aliada a existência da Lei Federal 7.716/89, que reconhece o racismo como crime no Brasil, a educação antirracista mostra-se uma prática política fundamental na conscientização das questões que atravessam a vida da população negra brasileira e de todas as minorias oprimidas. Através do reconhecimento positivo da diversidade e da diferença a prática educacional antirracista caminha ao encontro de outras perspectivas históricas, sociais e culturais capazes de contribuir para o fim desta sociedade desigual tal como a conhecemos.

Considerações finais

A educação brasileira sempre se estabeleceu através de muita luta. O compromisso político assumido pelos profissionais da educação deve ser estabelecido pela ação e a reflexão da realidade que os cerca.

Na sua práxis o educador precisa reconhecer que as relações de poder moldam os espaços e incidem sobre o saber-fazer escolar. O respeito aos diferentes contextos sociais dos quais partem cada ser que compõe a escola também faz parte do compromisso político docente. Reconhecer que desafios específicos condicionam e dificultam cada vez mais o cotidiano de estudantes menos favorecidos permite ao educador não apenas refletir criticamente, mas atuar na direção da transformação social coletiva.

O colégio acompanhado no estágio possui uma ótima estrutura e um corpo docente capaz de criar projetos e seminários para erradicar comportamentos racistas. A criação de uma oficina de leitura de autores e autoras, a valorização de personagens de filmes, séries ou cantores, dentre outros exemplos, podem contribuir para o conhecimento acerca da produção intelectual da população negra. Mostrar como esses estudantes são bonitos com todos os seus traços naturais e seus cabelos afros, crespos ou trançados também faz parte de uma luta histórica pelo respeito.

Visto que esta é uma problemática que sem sombra de dúvidas está presente em todos os espaços escolares e é um desafio imposto a todas as disciplinas. É preciso reconhecer que esse comportamento impede que os estudantes aproveitem de maneira plena e digna a sua formação escolar.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (Freire), 2020, p. 37)

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente (FREIRE, 2020, p. 49). Estes desafios que estão dentro e fora do espaço escolar exigem que os educadores atualizados assumam riscos, encarem o novo, posicionem-se politicamente a favor daqueles que são a razão de seu ofício e atuem no mundo para nele intervir.

Referências

BRASIL. Lei Federal 7.716/89, alterada pela Lei Federal 9.459/97.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 63ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 42ª ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. 1ª. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.